

A epidemiologia da cocaína no Brasil

José Carlos Fernandes Galduróz

Prof. Adjunto do Depto. de Psicobiologia da UNIFESP

Introdução

Resumo.

O autor apresenta os dados epidemiológicos mais recentes sobre o uso de cocaína no Brasil. Dois amplos estudos realizados pelo CEBRID em 2001 (pesquisa domiciliar) e em 2004 (pesquisa entre estudantes do ensino fundamental e médio) mostraram que embora a cocaína apresente porcentagens bem menores que em vários outros países, não se pode descuidar desse fenômeno que parece crescer nos últimos anos. É urgente a implantação de programas de prevenção específicos para esse flagelo.

Palavras-chave: Levantamentos; Indicadores epidemiológicos; Cocaína .

Summary

The author presents the data more recent epidemiologists on the use of cocaine drugs type in Brazil. Two ample studies carried through for the CEBRID in 2001 (household survey) and 2004 (research between students of basic and average education) had shown that the cocaine even so in well lesser percentages that in several other countries, if cannot neglect of this phenomenon that seems to grow in the last years. The implantation of specific programs of prevention for this is urgent afflicts.

Key-words: Surveys; Indicator epidemiologic; Cocaine.

Introdução

Este artigo sobre os aspectos epidemiológicas da cocaína no Brasil englobará duas vertentes: dois estudos levantamentos epidemiológicos (pesquisa entre estudantes de 2004 e pesquisa domiciliar de 2001) e um indicador epidemiológico: dados de apreensões feitas pela Polícia Federal.

1. Dados epidemiológicos atuais sobre a cocaína

1.1 - Estudantes do ensino fundamental e médio

O V levantamento sobre uso de drogas entre estudantes do ensino fundamental e médio foi realizado em 2004. Foram aplicados questionários de autopreenchimento, em caráter sigiloso a 48.155 estudantes da rede pública do ensino fundamental e médio das 27 capitais brasileiras em 2004 (Galduróz et al., 2005).

O *uso na vida* de cocaína pelos estudantes do Brasil foi de 2,0%. O maior *uso na vida* foi observado na região Norte com 2,9%, seguida pela Sudeste com 2,3% e pelo Centro Oeste com 2,1%; no Sul foi de 1,7% e no Nordeste com 1,2% (Figura 1). A capital com maior *uso na vida* de Boa Vista com 4,9% e a menor foi em Recife com 0,7%.

Na Figura 2 aparece a comparação do uso na vida de cocaína com outros países. Nota-se que o uso no Brasil (2,0%) foi menor que nos Estados Unidos com 5,4%, Espanha (4,1%); Chile (3,7%); Itália (3,5%); Guatemala (3,2%); Holanda e Reino Unido (3,0%); Uruguai (2,7%), Barbados (2,5%) e Equador (2,4%), porém maior que Paraguai (1,6%); Portugal (1,3%); Grécia, Venezuela e Suécia (1,0%) e Panamá com 0,8% dos estudantes relatando uso na vida de cocaína (CONACE, 2005; E.M.C.D.D.A., 2005; NIDA, 2005; CICAD, 2005).

O *uso freqüente e pesado* de cocaína não atingiu 0,5% em nenhuma região do país.

Por outro lado, poucos países separaram o uso de crack da cocaína. No Brasil o *uso na vida* de crack foi de 0,7%, duas vezes menos que no Chile (1,4%) e cerca de quatro vezes menos que nos Estados Unidos com 2,6% (CONACE, 2005; NIDA, 2005). As regiões com maiores porcentagens de *uso na vida* de crack foram a Sul com 1,1% e a Sudeste com 0,8%. A capital com maior *uso na vida* de crack, curiosamente, foi João Pessoa com 2,5% dos estudantes fazendo esse tipo de uso do crack,

O *uso pesado* de crack esteve ao redor de 0,2%. Talvez esta baixa prevalência reflita a incompatibilidade entre o uso intenso de crack e a manutenção do cotidiano diário.

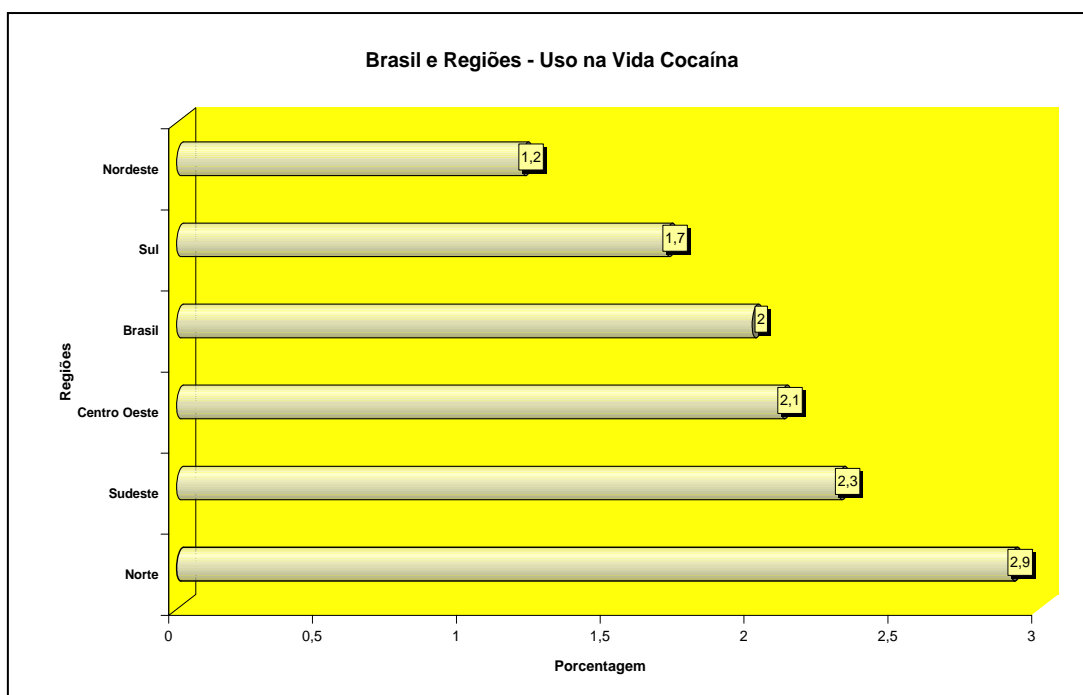


figura 1 – Uso na vida de cocaína entre estudantes da rede pública do ensino fundamental e médio do Brasil. Comparação do uso de cocaína no Brasil como um todo e as cinco regiões brasileiras. Fonte: CEBRID – Galduróz e cols. (2005).

COCAÍNA

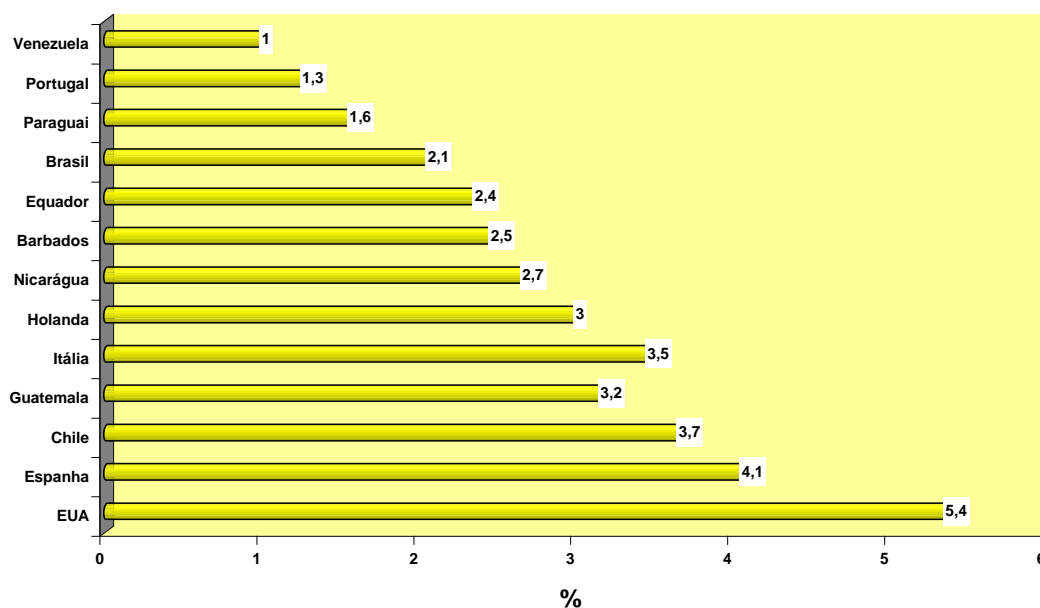


Figura 2 – Uso na vida de cocaína entre estudantes da rede pública do ensino fundamental e médio do Brasil. Comparação do uso de cocaína no Brasil com outros países. Fonte: CEBRID – Galduróz e cols. (2005).

1.2 - Pesquisa domiciliar sobre o abuso de drogas

Este estudo realizado pelo CEBRID, abrangeu todas as cidades com mais de 200 mil habitantes, num total de 107 cidades, correspondendo a 47.045.907 habitantes (27,7% do total da população do Brasil). A amostra foi de 8.589 entrevistas na faixa etária de 12 a 65 anos de idade (Carlini, et al. 2002).

A Figura 3 mostra o uso na vida de cocaína no Brasil como um todo e nas cinco regiões brasileiras. A prevalência de *uso na vida* de cocaína nas 107 maiores cidades do Brasil foi 2,3%, o que equivale a 1.076.000 pessoas. Essa porcentagem é relativamente próxima às encontradas no Chile (4,5%), Espanha (3,2%), Reino Unido (3,0%), Holanda (2,6%); e superior à observada na Dinamarca (1,7%), Colômbia (1,6%), França (1,5%), Grécia (1,3%), Suécia (1,0%), Bélgica (0,5%) e Alemanha (0,2%) e bem inferior ao constatado nos EUA com 11,2% do total (Figura 4) [Ospina,1997; CONACE, 2001; E.M.C.D.D.A., 2001; SAMHSA, 2001]

Fato que aparentemente parece intrigante é a observação de que o sexo

feminino usou mais cocaína que o masculino na faixa etária de 12 – 17 anos. Porém ao se olhar para os números absolutos, essa diferença é irrelevante, pois, há três relatos de *uso na vida* de cocaína (uma pessoa do sexo masculino e duas do feminino). Isto ilustra os cuidados que se deve ter na análise dos dados e que o pânico às vezes gerado pela mídia quanto às drogas pode ser apenas a expressão de pequenos números absolutos transformados em porcentagens assustadoras.

Em relação ao *uso na vida* de “crack”, a porcentagem foi de 0,7% para o sexo masculino, dados de baixa precisão quando da expansão, o que corresponderia a aproximadamente 149.000 pessoas que já teriam tido contato com essa forma de cocaína. Esta porcentagem brasileira de 0,7% é bem inferior ao observado nos EUA com 2,4% (SAMHSA, 2001).

O *uso na vida* de merla (uma forma de cocaína) apareceu apenas em duas faixas etárias e ainda assim com baixas porcentagens de 0,7% entre os 18-24 anos para o sexo masculino e 0,5% também entre os homens com idades entre 25-34 anos. Em que pese à baixa precisão dos dados quando é feita a expansão, essas porcentagens corresponderiam a 30.000 e 27.000 pessoas, respectivamente.

Comparações dos Resultados entre Regiões - Domiciliar 2001
USO NA VIDA DE COCAÍNA – BRASIL E REGIÕES

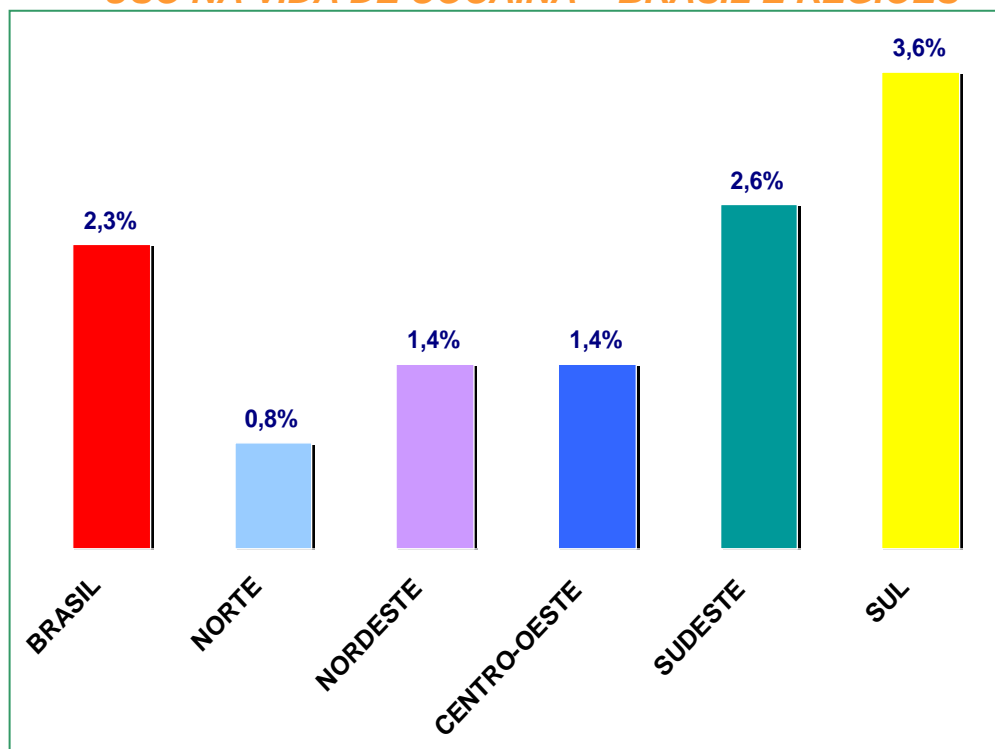


Figura 3. Uso na vida de cocaína relatado pelos moradores da faixa etária de 2 a 65 anos das 107 cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes, 2001. Fonte: CEBRID Carlini e cols.(2002)

Comparações com outros países - Domiciliar 2001

COCAÍNA – USO NA VIDA
COMPARAÇÃO ENTRE VÁRIOS PAÍSES

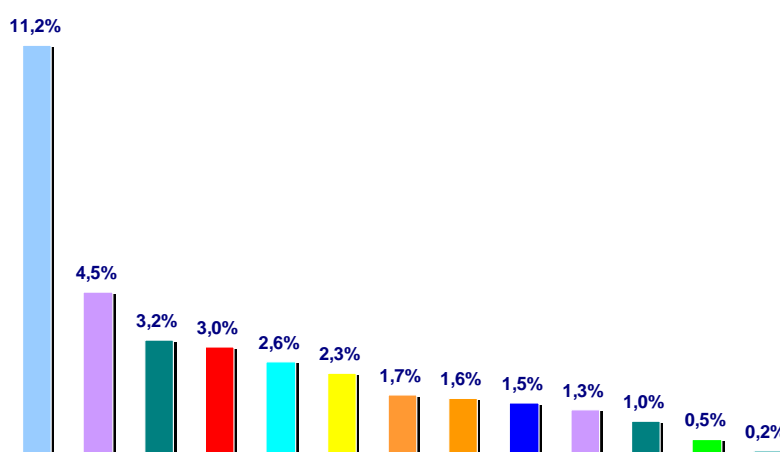


Figura 4 – Comparação do uso na vida de cocaína em diversos países que realizaram pesquisas domiciliares semelhantes à realizada no Brasil. Fonte: Carlini e cols. (2002)

2. Apreensões de cocaína feitas pela Polícia Federal

As apreensões de cocaína no Brasil vêm apresentando aumento importante quando se compara as apreensões feita a partir de 2001, quase dobrando em 2005 (8.356 quilos em 2001 e 15.656 quilos em 2005). A merla também, apresentou forte aumento de apreensões indo de 3 quilos em 2001 para 130 em 2005. O crack e a pasta base tiveram suas apreensões relativamente estáveis nesse período. A Tabela 1 mostra esses dados (Polícia Federal, 2006) A distribuição de apreensões conforme as regiões brasileiras foram pela ordem decrescente, em quilos: sudeste (4.309), norte com 4.307, centro-oeste com 4.118, nordeste (1.885) e sul com 1.035 quilos de cocaína (Polícia Federal, 2006).

Tabela 1 – Apreensões de cocaína e seus derivados, em quilos, feitas pela Polícia federal entre os anos de 2001 e 2005 (Fonte: Polícia Federal, 2006)

DROGAS	ANOS DAS APREENSÕES (quilos)				
	2001	2002	2003	2004	2005
Cocaína pó	8.326	9.144	9.503	7.199	15.656
Crack	109	156	136	100	125
Merla	3	4	19	19	130
Pasta base	676	281	380	573	302

Conclusões

Entre os estudantes do ensino fundamental e médio, o uso na vida foi de 2,0%, embora bem abaixo de países como os EUA (5,4%); Espanha (4,1%) e Chile (3,7%), o *uso na vida* de cocaína foi superior ao Paraguai (1,6%); Portugal (1,3%); Venezuela e Grécia com 1,0% dos estudantes já tendo feito uso dessa droga. O crack foi usado por 0,7% dos estudantes do Brasil, porcentagem esta bem inferior aos EUA com 2,6% e Chile com 1,4%. Estes resultados precisam ser interpretados com cuidado, pois se trata apenas de um uso na vida que denota o contato com a droga. O uso regular da cocaína

difícilmente é obtido neste tipo de pesquisa já que o abandono aos estudos é grande para aqueles que passam a fazer uso regular de cocaína.

Entretanto, a prevalência de *uso na vida* de cocaína, nas 107 maiores cidades do país (pesquisa domiciliar na faixa etária de 12 a 65 anos de idade) foi de 2,3%, sendo próximos ao Chile (4,0%), Espanha (3,2%) e Reino Unido (3,0%). Porém bem inferiores aos EUA com 11,2% do total. A região Sul foi aquela onde se verificou as maiores porcentagens (3,6%) e a menor, no Norte, com 0,8%. O *uso na vida* de crack foi de 0,7% para as maiores 107 cidades do país, cerca de 3 vezes menor que no estudo americano. O uso de merla (uma forma de cocaína) apareceu na região Norte com 1,0%.

Portanto, parece que o uso experimental de cocaína no Brasil fica ao redor dos 2%, isto sob certos aspectos é alentador, já que não é excessivamente elevado comparando-se com outros países; de outra forma pode ser preocupante, pois há, em teoria, espaço para crescer, que é o que se observa em termos de apreensões realizadas pela Polícia Federal.

Esses dados epidemiológicos sugerem que medidas preventivas em relação à cocaína não podem ser negligenciadas.

Referências Bibliográficas

CICAD - Inter-American Observatory on drugs. www.cicad.oas.org/oid

CONACE – Consejo Nacional para el Control de Estupeficientes, Ministerio del Interior. **Cuarto estudio nacional de consumo droga en Chile 2000**. Sistema Nacional de Información sobre Drogas, Chile, 2001. 125p.

CONACE – Consejo Nacional para el Control de Estupeficientes, Ministerio del Interior. Quinto Informe Anual sobre la Situación de Drogas en Chile, 2005. <http://conacedrogas.cl/inicio>

E.M.C.D.D.A., European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction. – **Extended annual report on the state of drugs problems in the European Union**. European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction, Belgium, www.emcdda.org, 2001.

E.M.C.D.D.A. – European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction, 2005. <http://www.emcdda.eu.int/index>

GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO A.R.; FONSECA, A. M.; CARLINI, E.A. – V

Levantamento sobre o uso de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras, 2004. CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Departamento de Psicobiologia, Universidade Federal de São Paulo, 2005. 398p.

NIDA – National Institute on Drug Abuse. High School and Youth Trends, 2005. <http://www.drugabuse.gov/infobox>

OSPINA, E.R. – **Estudio Nacional sobre Consumo de Sustancias Psicoactivas Colombia, 1996.** Fundacion Santa Fe de Bogotá, 1997.129p.

POLÍCIA FEDERAL – Relatório anual, 2005 (consulta em 2006). <http://www.dpf.gov.br>

SAMHSA – Substance Abuse and Mental Health Services Administration. - **Office of Applied Studies: 1999-2000 National Household Survey on Drug Abuse.** U.S. Department of Health and Human Services, 2001. (consulta feita através do site <http://www.samhsa.gov>)